



Sonhar juntos para não naufragar

Dream together so as not to sink

Edson Luiz André de Sousa

ORCID:0000-0002-1634-230X

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil

Resumo

Este texto interroga a função da arte como linguagem para dar conta de experiências traumáticas, de destruição e de luto. O ponto de partida da reflexão é romance de Ray Bradbury intitulado "Fahrenheit 451", onde vemos tanto a fúria das estratégias de destruição mas ao mesmo tempo a capacidade de resistência diante destas violências. O ensaio aborda a obra de alguns artistas contemporâneos que transitam por esta questão como Elida Tessler, Gary Hill, Nuno Ramos, Doris Salcedo.

Palavras-chave

Trauma. Linguagem. Fahrenheit 451. Luto. Arte contemporânea.

Abstract

This text questions the role of art as a language to face traumatic experiences, destruction and mourning. The starting point for this reflection is a novel by Ray Bradbury entitled "Fahrenheit 451", where we see both the fury of the strategies of destruction and, at the same time, the capacity to resist these violences. The essay addresses the work of some contemporary artists who are involved in this issue, such as Elida Tessler, Gary Hill, Nuno Ramos, Doris Salcedo.

Keywords

Trauma. Language. Fahrenheit 451. Grief. Contemporary art.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

“É a esta incompreensão que eu me dirijo sempre”

Marguerite Duras

“Alguém deve deixar alguma coisa para trás quando morre, dizia o meu avô. Um filho, ou um livro, ou um quadro, ou uma casa, ou uma parede construída ou um par de sapatos feitos à mão. Ou um jardim plantado. Alguma coisa em que a nossa alma tenha para onde ir quando morremos e, quando as pessoas olharem para essa árvore ou flor que plantamos, nós estamos lá.
Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*”

O Brasil é hoje uma terra em brasa e esta experiência traumática que estamos vivendo durante a pandemia pelo coronavírus deixará muitas marcas para as gerações que virão. Hoje ainda respiramos as fumaças dos muitos incêndios produzidos no período da ditadura civil-militar no Brasil. Mas a evocação de Ray Bradbury que abre este texto é para nos lembrar também que diante da destruição encontramos sempre formas inéditas de resistência, de luta e de revolta. Na distopia de Bradbury os livros eram salvos por um trabalho de memória, um a um, como monumentos da história, nos mostrando que quando perdemos a voz, quando perdemos as palavras, quando perdemos a linguagem, perdemos tudo. O romance *Fahrenheit 451* dá estofa a uma ideia que tenho pensado há algum tempo e que nomeei como memoriais minimalistas. Em outras palavras, na falta de uma política de Estado que cuide da memória, somos convocados, um a um, a inventar novas formas de fazer inscrição dos traumas que vivemos, recolher as cinzas destas brasas para poder ouvi-las. Só assim teremos uma memória digna para um futuro efetivamente autêntico e não mera reprodução do vivido. Virar a história em seus avessos, enfrentar os imperativos do sentido, ativar a imaginação, acionar a deriva significativa será sempre uma forma de abrir uma chance para novas narrativas, o que significa dizer, para novas realidades. Esta é a seiva profunda plantada tantas vezes no campo da artes, que capturam as cinzas destes incêndios e nos jogam em nossos olhos para que possamos ver e reagir às feridas de nosso tempo. Também encontro esta seiva na psicanálise na medida em que ela está sempre confrontada com a função de arejar a terra desconhecida que nomeamos de inconsciente, um lugar de incompreensão que temos sempre que escutar. A arte nos coloca diante de perguntas interpelando sobre qual o texto que lemos quando vemos uma imagem. Coloca em cena uma espécie de ruído e perturbação na imagem nos mostrando que o que vemos depende sempre de uma posição discursiva.

O fogo não para. No final de maio deste ano garimpeiros ilegais invadiram uma aldeia indígena nas margens do rio Tapajós no Pará, atacando a tiros e incendiando a casa da líder indígena Maria Leusa Munduruku. Ela tem sido ameaçada de morte por lutar pelo direitos de sua comunidade poder viver em paz em suas terras. Inimaginável o tamanho do desamparo que ela experimenta nestes tempos em que a destruição é a moeda corrente na política do governo federal brasileiro. Mas apesar de tudo, Maria Leusa não se cala e assim sua voz, sua força nos trazem a esperança que precisamos para um trabalho árduo de reconstrução nestas terras devastadas.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Todos que trabalham para fazer algum registro destas histórias, ocupando assim a importante função de testemunha, abrem algum caminho possível no enfrentamento de todas estas violências.

Como na novela de Ray Bradbury, também reagimos a estes incêndios. Em 5 de maio deste ano, no dia internacional da língua portuguesa, se reinaugurou em São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa, reconstruído depois da destruição por um incêndio no final de 2015. A exposição que reinaugura o museu tem o sugestivo título de “Língua Solta” com curadoria de Moacir dos Anjos e Fabiana Moraes. Esta mostra reúne dezenas de artistas brasileiros que utilizam a palavra como suporte para seus trabalhos. Assim, se reatualiza a pergunta: o que quer e o que pode esta língua?



Figura 1- Elida Tessler.
Phósphoros. Foto: Arquivo
pessoal da artista

A língua insiste, geme, sussurra, grita, protesta, canta, provoca e sonha. Um dos trabalhos presentes nesta exposição e que dialoga com a novela de Ray Bradbury é Phósphoros da artista Elida Tessler. No romance distópico *Fahrenheit 451* os livros eram guardados na memória e assim preservados. Elida Tessler concebeu um trabalho que foi listar todos os livros queimados na novela de Ray Bradbury, bem como todos os livros que estiveram na mira dos bombeiros no filme de François Truffaut inspirado no livro. Truffaut incluiu no roteiro do seu filme uma série de outros livros que não estavam presentes no romance. Com esta listagem em mãos concebeu um caixinha de fósforos cujos palitos foram confeccionados especialmente, e onde foram gravados o nome de cada autor em um dos lados do palito e no outro o título do livro no idioma original em que foi escrito. São 122 palitos de fósforos invertendo o lugar do fogo. São 122 livros incendiários. O livro não é mais queimado pois agora é ele que tem o poder de queimar, de acender chamas de vida que possam nos trazer o calor da

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

vida. Assim, a potência do fogo ressurgem não como destruição, mas como uma pulsão criativa e construtiva. O trauma encontra um lugar possível de abrigo e os escombros tem agora uma chance de linguagem.

Estamos atravessando uma experiência da peste, para lembrar aqui a atualidade do texto de Albert Camus, que tem nos tirado o chão. A contaminação se dá em vários níveis e talvez o vírus da covid não seja o mais letal. Uma primeira contaminação se dá no campo da linguagem, infectada por um discurso da estupidez que parece ter tomado conta do espírito deste país. Estamos assistindo atônitos uma verdadeira hemorragia dos princípios que regem a linguagem, linguagem que a psicanálise desde sempre acolheu no seu trabalho de escuta do sofrimento humano. Vemos ruir nos discursos dos tiranos de plantão a função do significante cujo valor é justamente suspender os sentidos absolutos, a força da metáfora, o tensionamento constante entre o dito e o dizer. Se inaugurou de forma assustadora uma relação à linguagem que se dissemina em um espaço de vociferações e discursos de ódio. São falas que surgem de forma imperativa em que, aquele que fala, tenta impor ao outro, a forma como deve ser escutado. Neste sentido qualquer coisa pode ser dita já que há uma única mensagem a ser escutada. Em outras palavras, constatamos um empobrecimento radical da linguagem quando estratégias como estas se instauram no espírito do tempo.

Mas para nos mantermos na superfície e não naufragar, sonhamos. E são estes registros que ativam nossa força de linguagem. Desde o início da pandemia da covid 19 participo de um coletivo de pesquisa que nomeamos Inventário de Sonhos, onde recolhemos sonhos durante a pandemia. Já temos um acervo de cerca de 1200 sonhos, que são uma espécie de sismógrafo precioso destes tempos traumáticos que vivemos. Muitas destas narrativas ativam imagens que nem sempre queremos ver quando estamos acordados e assim parecem seguir a indicação de Goethe em suas "Afinidades Eletivas" quando escreve que o sujeito sonha apenas para não deixar de ver.

Franz Kafka anota em seu diário um sonho que teve em 4 de julho de 1916. "Acordei encerrado num quadrado formado por uma cerca de madeira e que não permitia dar mais do que um passo para cada lado. Há cercados semelhantes para encurrular ovelhas à noite, mas nem esses são tão estreitos. O sol batia direto em mim, e para proteger a cabeça baixei-a junto ao peito e ali fiquei encolhido"

Os sonhos são produções psíquicas que tentam abrir caminhos mesmo quando nos mostram espaços confinados como neste sonho de Kafka. Surgem como uma gramática enigmática que exigem um trabalho de leitura, de associação, de imaginação, de memória nos colocando perguntas sobre que texto é este que fala em nós, com tantas imagens surpreendentes. Temos, portanto uma chance de abrir brechas nos espaços confinados que muitas vezes a vida nos joga. Contudo, mais trágico que este sonho de Kafka é estar efetivamente neste quadrado e nem mesmo sonhar. O sonho surge, portanto como um despertar, um sinal, um alerta, um chamamento, um esforço de linguagem, uma senha, um registro. Como lembrou Freud o sonho surge como uma formação do inconsciente colocando em questão os lugares de fala do sujeito, desde onde fala, desde onde é falado, deslocando o falante de uma suposta posição de domínio e de controle pela consciência.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

A arte é também uma espécie de sonho ao nos abrir novas imagens, novas palavras, novas leituras sobre o mundo. Escolhi dois relatos de sonhos do acervo que já recolhemos do Inventário que nos ajudam a entender a radicalidade da experiência de contato com a morte que estamos tendo durante a pandemia e ao mesmo tempo as estratégias que encontramos de criação para reagir diante deste trauma.

Sonho 1

“Eu sonhei com a morte encarnada. Ela deveria buscar um ser de cada casa que visitava. Com tanto trabalho, ela me deixou responsável por embalar e nutrir seu bebê. Eu estava sentada de frente para aquele ser cujo gênero eu não pude descobrir. A Morte me entregou o bebê que parecia ter poucos dias de vida. Junto dele um vidro de uma sinergia de óleos. Com o líquido dourado, eu deveria ungir a criança que estaria protegida da colheita da sua progenitora. Eu, que nutria o bebê, achei justo me proteger com o mesmo óleo, mas não comentei com a Morte minhas intenções. Ela se levantou e deixou minha casa pela porta. Por alguns segundos, enquanto a morte fechava a porta, pude ver do lado de fora o caos alaranjado de casas sobrepostas que lamuriavam a visita que estava por vir...”

Sonho 2

“Eu estou em outra cidade dentro de um cemitério, está de dia, existe várias covas abertas no chão, algumas delas tem caixão com corpos, outras estão vazias, eu vou passando por todas elas, até chegar em um túmulo que eu reconheço, o túmulo da minha família, ele também está aberto, eu olho dentro dele está minha prima, apenas com a cabeça pra fora e um pouco de terra em cima dela. E do outro lado na beirada deste mesmo túmulo está minha vó (ambas pessoas realmente já faleceram), vestida de preto, mas ela está bem serena e me olha, eu começo a chorar, abraço ela mas não consigo finalizar o sonho, pq em seguida já entra outro onde estou em uma multidão de pessoas e isso vai me dando desespero...”

Os dois sonhos se aproximam da morte para ainda assim encontrar a vida lembrando, de certa forma, a tese de Freud de que a experiência de luto é um trabalho de criação, um esforço para reacender a vida pois precisamos encontrar espaço na linguagem que possa circunscrever a experiência da falta. A morte no primeiro sonho tem um bebê e confia o cuidado da criança ao sonhador. É assim que o sonhador encontra uma forma de sobreviver ao passar o líquido dourado que irá lhe proteger. No outro sonho, dentro do cemitério os mortos ainda podem nos olhar. A avó incorpora o lugar da memória, que mesmo soterrada, continua a nos enviar mensagens e nos reorientar em relação às nossas origens e às histórias que nos constituem.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Vemos nestes dois sonhos uma insistência da vida resistindo ao silenciamento imposto pela lógica da morte. As vozes continuam contando suas histórias mesmo quando apagadas, como no trabalho de Gary Hill, *Mediações* (1986). Neste trabalho em vídeo ouvimos uma narração vinda de um autofalante e pouco a pouco esta voz vai sendo enterrada com a areia que o artista vai lentamente colocando sobre o autofalante. Mas a força da voz é forte o suficiente para continuar viva mesmo quando completamente coberta de areia. Este trabalho aciona ao mesmo tempo um pensamento sobre políticas de memória que fazem justamente o movimento contrário que é desenterrar estas vozes. A arte desenha assim uma narrativa possível diante do horror do traumático.

Nuno Ramos também dá forma a este pensamento com sua performance em parceria com Paulo Climachauska de 2002 e que intitulou “Luz Negra”.

Vemos neste trabalho quatro homens enterrarem um enorme caixa de som, como se fosse um grande caixão. Tudo é feito em silêncio e delicadeza como numa cerimônia fúnebre. O silêncio, contudo é rompido com a música de Nelson Cavaquinho que começa a tocar por baixo da terra e os versos que ouvimos são precisos.

Um sol há de brilhar mais uma vez / a luz há de chegar aos corações
/Do mal será queimada a semente / O amor será eterno novamente
/ É o juízo final / a história do bem e do mal / Quero ter olhos pra ver
/ A maldade desaparecer”

Este trabalho é de uma atualidade impressionante para os tempos traumáticos em que vivemos no Brasil onde a política incorporou o ódio como estratégia de dominação.

Mas desta terra repleta de cinzas esperamos que a vida possa novamente brotar como no trabalho da artista colombiana Doris Salcedo intitulado “Plegaria Muda” (2011). Salcedo concebe uma instalação com 162 pares de mesas, sobrepostas uma sobre a outra e entre elas terra com sementes. As mesas retangulares evocam o formato de caixões e assim a instalação constrói uma atmosfera de memorial. As sementes vão aos poucos germinando e crescem por entre as frestas da madeira buscando luz. Este trabalho tenta dar um lugar de representação ao luto de centenas de mães colombianas com as quais a artista entrou em contato para ouvir suas histórias. Muitas destas mães da região de Soacha buscavam ainda algum registro dos filhos desaparecidos por ações do exército nacional da Colômbia e sofriam tanto pela impossibilidade de realizar este luto mas também pela indiferença da sociedade colombiana. Espaços de memória e utopia que reafirmam insistentemente a dignidade de tantas cinzas, que esperam por nosso olhar. Será que podemos imaginar um mundo onde não seria possível dormir em paz sem antes recolher da terra estes murmúrios esquecidos, soterrados e que ainda pedem por um lugar?

Diante de tantos desamparos, fazemos aqui um esforço de palavra para que algum campo de pouso seja possível nestas quedas. A psicanálise tem muito a contribuir para pensar uma política que adense estes registros e monumentos de

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

memória. Quando Paul Celan escreve o verso “O mundo esta partido, devo carregar-te” indica nosso compromisso com esta memória. Derrida em um ensaio que intitulou “Como não tremer?” lembra que em alemão *tragen*, (carregar-te) é um termo usado na gestação, a mãe que carrega um nenê que ainda não tem apoio no mundo. Assim, carregamos os que não têm ainda apoio ou o perderam, como no luto, ao carregar as histórias que testemunhamos.

Estamos em uma travessia em que muitos já naufragaram. Temos todos o dever de testemunhar por aqueles que tiveram suas vidas interrompidas violentamente. Precisamos ter força e continuar ativando esperanças autênticas e nosso direito a viver em um país mais solidário, mais tolerante, que respeite as diferenças e não destrua o que temos de mais precioso, nosso direito a imaginar novos futuros.



Edson Luiz André de Sousa

Professor titular do departamento de psicanálise e psicopatologia da UFRGS. Analista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1984), especialização em filosofia pelo PPG Filosofia - UFRGS, mestrado em Psicanálise e Psicopatologia - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1989) e doutorado em Psicanálise e Psicopatologia - Université de Paris VII - Université Denis Diderot (1993). Pos-Graduação em Psicanálise - Clínica e Cultura (UFRGS). Foi professor do Pos Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS) e do Pos Graduação em Artes Visuais (UFRGS). Coordenou o LAPPAP/UFRGS, Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política. Tem desenvolvido trabalhos em torno da articulação psicanálise e arte e também pesquisado o tema das utopias. Membro do GT Psicanálise: Política e Cultura, Membro do GT Literatura e Utopia - UFAL, Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP), Membro da Utopian Studies Society (Europe), Membro correspondente do grupo de pesquisa Pândora - Psychanalyse et Art - Université de Paris VII (França). Professor visitante em 2006 da Deakin University - Melbourne. Professor visitante em 2007 do 17, Instituto de Estudos Críticos - Cidade do México. Pesquisador visitante na DePaul University - Chicago em abril de 2012, Pesquisador visitante na University of Limerick, Irlanda em 2019, Pós-doutorado em Paris 2009-2010 na Université de Paris VII (Université Denis Diderot) e na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS).

Como citar: SOUSA, Edson Luiz André de. Sonhar juntos para não naufragar. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, v. 26, n° 45, jan-jun. 2021. ISSN 2179-8001.

Doi:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.116030>.
